



A CRIANÇA E SUAS RELAÇÕES SÓCIO-AFETIVAS NA MEDIAÇÃO COM O BRINQUEDO

Laura Dantas Silva; Edmakson Silva de Lira; Glorivania Gonçalves Amorim Flôr; Louise Gabrielle Cardoso dos Santos; Ana Cristina Rabelo Loureiro

Universidade Estadual da Paraíba, reitoria@uepb.edu.br

Resumo: Este trabalho visa relatar uma experiência de extensão cujo objetivo foi trabalhar as relações socioafetivas das crianças por meio do brincar. Buscou-se, especificamente, atribuir significado às expressões das crianças nas brincadeiras, no contato com os brinquedos e nas interações com seus pares, considerando suas realidades sócio-históricas e culturais, a partir de aspectos simbólicos ou concretos, e a zona de desenvolvimento proximal. Estas intervenções foram realizadas com dez crianças, de faixa etária de 4 a 6 anos, que frequentam uma creche Municipal da cidade de Campina Grande, Paraíba. A maioria dessas crianças mora próximo à escola, com seus pais, cujo nível de escolaridade é o ensino fundamental incompleto e as condições de emprego são precárias, não havendo uma faixa salarial definida. Fundamentando-se numa perspectiva psicológica, antropológica e sociológica, compreende-se que o ato de brincar é uma importante forma de comunicação e por meio desta, as crianças reproduzem suas relações com o mundo e consigo mesmas. A escolha dessas crianças foi realizada pela direção e pelas professoras da instituição, considerando o critério de necessidades sociais e afetivas. Inicialmente o grupo de extensionistas se reuniu com as crianças buscando a criação de vínculos e a abertura para a livre expressão e adequação dos tipos de brincadeiras a serem realizadas com o grupo. Após cada intervenção o grupo de extensionistas escrevia seus diários de campo, quando eram relatadas as experiências, buscando registrar aspectos do desenvolvimento, da aprendizagem, sentimentos, expressões, simbolismos e representações de cada criança que participou da experiência. A partir da leitura e análise desses diários, eram planejadas novas intervenções, buscando atender aos interesses e às necessidades das crianças. Tomando como princípio o distanciamento da visão adultocêntrica, o grupo de extensionistas participou das brincadeiras, assumindo uma posição de igualdade em relação às crianças, deixando-as livres para se expressar, respeitando o lugar e as capacidades de cada uma, observando-as e acolhendo suas preferências quanto às brincadeiras. Como o trabalho ainda não foi concluído, até o momento foram realizadas 7 intervenções semanais, com duração média de uma hora, em uma sala ampla, cedida pela direção da escola. Os resultados indicam que foram criados vínculos no grupo, possibilitando o conhecimento e a visão de mundo de cada criança, processo fundamental para o desenvolvimento de estruturas emocionais e afetivas sólidas, além de habilidades sociais adequadas para o desenvolvimento e a autonomia do cidadão.

Palavras-chave: Criança, relações sócioafetivas; brincar.

INTRODUÇÃO

Há algum tempo se tem discutido os direitos da criança e do adolescente, reconhecendo-os como cidadãos capazes de refletir sobre a sua realidade e de analisar criticamente as suas experiências. Essas discussões se tornaram mais intensas na modernidade, fundamentadas em contribuições



teóricas de diversos campos de conhecimento, a exemplo da filosofia, da sociologia, da pedagogia e da psicologia.

No Brasil, muito se tem avançado no sentido de reconhecer as especificidades e necessidades da criança e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) pode ser identificado como um dos documentos legais modelos para a defesa dos direitos dessa população. No entanto, muitos desafios ainda são colocados no sentido de se garantir os direitos da criança e respeitar todas as suas necessidades. Acredita-se que esse processo deve ser analisado a partir de um contexto histórico, o qual denuncia as diferentes formas de se conceber e de se relacionar com a criança (ARIÈS, 1981).

Durante algum tempo, a criança foi vista como um adulto em miniatura, realizando os mesmos trabalhos dos adultos e recebendo a mesma forma de tratamento que estes, adquirindo autonomia entre os 7 e 12 anos (DEL PRIORE, 1999). Quando a criança não conseguia realizar o mesmo trabalho que os adultos ela criava equipamentos menores, como forma de representar aquele trabalho. Isto era feito de maneira lúdica, mas com o objetivo de conseguir futuramente realizar tal trabalho. Conforme foram mudando os contextos históricos, proporcionalmente, também foram sendo alteradas as concepções sobre a criança. Com a chegada da agricultura e pecuária a criança ficou limitada aos serviços mais leves e domésticos, tendo mais tempo para brincar e para ser instruído como membro social (ELKONIN, 1998). Na idade média a criança só era valorizada se trabalhasse e, nesta época, havia muitas mortes de crianças devido à falta de higiene básica. Na modernidade começou-se a enxergar a criança como resultado de seus aprendizados, assumindo seu papel social e cultural e com a chegada da industrialização foi dada grande importância a formação das crianças para o mercado de trabalho, marcando a difusão das escolas como instituições fundamentais para a constituição das crianças (RIZZINI, 1999).

O contexto histórico no qual foi construído as concepções sobre a criança, influencia na visão que os adultos ainda possuem atualmente de que a criança é um vir a ser, ignorando suas capacidades de interpretação e contribuição para sua realidade. As contribuições da sociologia da infância, marcadamente diferente, enfatizam que a criança é um ser ativo, capaz de analisar criticamente a sua realidade, criar e reproduzir cultura (SARMENTO, 2005; CORSARO, 2009). Nesta perspectiva, destaca-se a relevância do brincar como atividade identificadora da criança, por meio da qual se cria e se reproduz cultura, regras, valores e experiências. Ou seja, além da criança ter acesso à cultura pela mediação dos adultos e de



seus pares, ela também, através das suas relações sócioafetivas e de ensino-aprendizagem, contribui ativamente no processo de reprodução e criação de cultura.

Com os pais, a criança estabelece suas primeiras relações sócioafetivas, em detrimento disto, é possível compreender a importância que deve ser dada as relações parentais no processo de apreensão da realidade da criança. Atualmente, as relações parentais vêm apresentando grande déficit, refletindo negativamente na constituição da criança, portanto, vê-se a necessidade de tentar entender como a própria criança se enxerga neste processo. Isto será possível através do brincar que sempre foi a principal forma de expressão da criança. Afirma Vygotsky (1989) que a criança, ao brincar, faz uma leitura crítica sobre a realidade que está inserida, seu meio sócio-histórico e sociocultural. A criança atua na sua zona de desenvolvimento proximal representando o papel de mais velho, podendo agir sobre o mundo e conquistar novas possibilidades de aprendizado e desenvolvimento. Este processo de elaboração simbólica se revelará na relação concreta, ou seja, o concreto é anterior ao simbólico.

Além de Vygotsky (1989), outros autores com Corsaro (2009) e Elkonin (1998) consideram que, no brincar, as crianças revelam as representações que elas elaboram sobre a sua realidade circundante e o contexto sociocultural no qual ela está inserida.

Diante das considerações citadas acima, por meio de um projeto de extensão, elaborado num componente curricular do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, trabalhou-se junto a crianças de pré-escola, buscando trabalhar as relações sócioafetivas das crianças por meio do brincar. Buscou-se, especificamente, valorizar os vínculos sociais e afetivos das crianças, atribuindo significado à leitura de mundo destas, reveladas nas brincadeiras, no contato com os brinquedos e nas interações com seus pares, considerando suas realidades sócio-históricas e culturais.

MÉTODO

Os participantes do projeto de extensão foram crianças com idades entre 4 e 6 anos, alunos de uma Creche Municipal da Cidade de Campina Grande – Paraíba. O total de crianças que participaram das intervenções foram 10 crianças, selecionadas pela própria diretora da instituição. As intervenções ocorreram num período



de dois meses, com encontros semanais, em locais previamente acordado com a direção (sala de repouso e biblioteca) sendo que cada encontro tinha uma duração média de uma hora.

Nas primeiras intervenções o objetivo era que os extensionistas pudessem adentrar no universo das crianças e no ambiente que era familiar a eles, ou seja, a creche. Isto só foi possível através da criação de vínculos entre crianças e extensionistas. Nas intervenções subsequentes, procurou-se atender às necessidades das crianças que eram identificadas após a reflexão do grupo de extensionistas e a orientadora do trabalho. Ao término de cada orientação o grupo se reunia, discutia a experiência, identificava as demandas e escrevia o diário de campo. Esse procedimento servia de orientação para o planejamento e execução de cada intervenção.

Durante todas as intervenções, foi utilizada a observação participante e assistemática, para que os extensionistas pudessem apreender as representações de cada criança sobre suas relações sócioafetivas, não interferindo nas suas subjetividades. Além da observação restrita ao momento da intervenção, buscou-se também observar as crianças na relação com seus professores, na forma como cada uma brincava no pátio da instituição, os aspectos físicos que a própria instituição podia oferecer e como o trabalho dos extensionistas estava sendo percebido pela comunidade escolar e pelas próprias crianças. Todas as brincadeiras planejadas pelos extensionistas visavam fazer com que as crianças interagissem entre si e também com os extensionistas. Além disso, faziam com que as crianças pudessem expressar suas preferências e particularidades, como forma de entender os esquemas que a criança elabora mediante suas relações sócioafetivas. Algumas das brincadeiras utilizadas foram: morto-vivo, dança, jogo com balão, colagens, desenhos com tinta, bola, etc..

Todas as informações obtidas nas visitas à instituição e nas intervenções foram registradas no diário de campo que, segundo Victora (2000) é um mecanismo essencial para que o pesquisador anote as informações que ele apreende ao trabalhar em campo. Dessa forma, cada extensionista registrou no seu diário todos os passos da intervenção, a dinâmica de interação entre os extensionistas e as crianças, as conversas com as professoras e demais membros da escola, as interações criança-criança, expressões simbólicas, comportamentos, sentimentos e subjetividades que se revelaram nas experiências lúdicas.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os objetivos previstos é possível afirmar que os momentos de interação em grupo foram fundamentais para que se pudessem observar as crianças e como elas representavam suas vivências através do brincar. A partir da troca de experiências foi possível estabelecer vínculos entre extensionistas e crianças, em como entre crianças. Buscando desconstruir uma postura adultocêntrica e conseguir a aceitação do grupo (CORSARO, 2009) os extensionistas solicitaram que as crianças ensinassem algumas brincadeiras que eram do cotidiano delas. Esse processo foi fundamental para que as crianças aceitassem interagir e participar das atividades propostas ao longo da experiência.

Na primeira intervenção apenas quatro crianças, do grupo de dez, estavam presentes. O objetivo desta foi proporcionar interação dos extensionistas com as crianças e das crianças entre si, e estabelecer vínculos. Foram realizadas as brincadeiras “Morto e Vivo”, “Mar e Terra” e “Dança da estátua”. A criança (1) apresentou um comportamento de inquietação e não conseguiu se concentrar no que estava sendo realizado, ele se cansava das brincadeiras e queria sempre algo novo. O comportamento da criança (2), a princípio, foi de resistência já que ele não estava familiarizado com o grupo, e ainda demonstrou dificuldades no contato com as outras pessoas fora do seu convívio. No momento seguinte, as extensionistas deixaram as crianças à vontade na sala para que elas pudessem brincar livremente. A criança (2) se aproximou do grupo e começou a se comunicar livremente, também passou a interagir com as outras crianças e em um momento demonstrou afeto com a criança (1) ao dizer que confiava nele. No final da intervenção a criança (2) demonstrou resistência a receber afeto dos extensionistas, o que não aconteceu com as demais crianças. As crianças (3) e (4) apresentaram algumas dificuldades em reconhecer cor, números e objetos no decorrer da intervenção, essas dificuldades não impediram suas participações nas brincadeiras, como também nas interações destas com o grupo.

Foi possível perceber, durante o tempo com as crianças, que elas trazem consigo experiências sociais de interação com outros adultos, e com outras crianças e com isso criam valores e interesses próprios, compartilhando com outras crianças da mesma idade seus (pares) através das brincadeiras. A partir dos significados que a criança cria mediante as suas interações, ela vai criando também a sua identidade. Na brincadeira coletiva, cada criança expõe seus significados criados a partir de suas

experiências sociais, e esse embate de significados poderá dar origem a novos significados (PEDROSA & SANTOS, 2009).

Na segunda intervenção, a princípio, os extensionistas buscaram interagir e conhecer as crianças, pois haviam chegado novas crianças. Não foi utilizado nenhum material, pois a proposta era a brincadeira de faz de conta. Cinco crianças participaram desta intervenção, sendo que uma delas estava acompanhada da sua avó que ficou presente durante toda a experiência. Como a intervenção foi realizada em um local amplo, as crianças se movimentavam, corriam, de um lado para o outro da sala, imitando o comportamento umas das outras, fato que dificultou a motivação para a realização de uma atividade com o grupo todo. Diante da situação, cada extensionista focou a atenção em uma criança específica e propôs a produção de um desenho. Dessa forma, foi possível haver interação criança-extensionista e, na produção de desenhos, vínculos se estabeleceram e foram revelados recortes de visão de mundo e de experiência de cada criança. Foi possível perceber que a criança, por meio do desenho, representa simbolicamente a sua realidade, revela sua identidade, expressa a sua cultura e suas relações socioafetivas (SANS, 2007)

Na terceira intervenção foram trabalhadas algumas atividades lúdicas e recreativas com as crianças. Utilizou-se materiais como balões, cartolinas e tinta guache. Cada criança escolheu e encheu uma bola de assopro, depois uma das bolas foi jogada e o objetivo das crianças era não deixar o brinquedo cair. Esta brincadeira foi proposta pelos extensionistas, visando a integração do grupo e a promoção de aspectos do desenvolvimento motor, cognitivo e lógico. Todas as crianças participaram da atividade, interagindo, com exceção de uma delas que não quis participar da brincadeira. No segundo momento, a atividade realizada foi de pintura, utilizando a tinta guache. Cartolinas foram dispostas no chão e foi solicitado que as crianças escolhessem cores de tintas guaches e produzissem livremente seus desenhos. Foi possível perceber o prazer das crianças em manusearem livremente a tinta e expressando a sua visão de mundo e, seus desejos e suas experiências. Cada uma falava livremente sobre sua obra de arte, externando suas emoções, afetividade, questionamentos e concretizando uma visão de mundo só seu, com seus significados e representações. Pode-se, portanto verificar na prática, as afirmações de Vygotsky (1989) de que a criança, ao brincar, constrói um mundo ilusório e imaginário, a partir de suas experiências concretas onde seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser. A expressão livre deu a oportunidade das crianças expressarem o que sentiam no momento, pois elas expressaram nos desenhos alguns sentimentos que ainda não conseguiam expor por



meio da fala, mostrando um pouco de sua personalidade, da sua vida social e familiar.

A quarta intervenção não foi realizada com as crianças. Neste dia o grupo se propôs a trocar informações e experiências com as professoras das crianças. Foram destacadas as percepções gerais de cada criança, a partir da visão dos extensionista. Depois disso, as professoras expuseram suas impressões sobre o que foi falado, acrescentando suas próprias percepções sobre as crianças. Foi possível perceber a semelhança nas percepções dos extensionistas e nas das professoras. Ademais, criou-se a oportunidade de se orientar as professoras sobre a forma de lidar com as características de cada criança, respeitando as suas individualidades e diferenças, reforçando a ideia de que a criança é capaz de elaborar seu próprios juízos de valores, de forma crítica e criativa (PEDROSA & SANTOS, 2009).

Na quinta intervenção, após um momento de interação, foi realizada uma brincadeira com a bola. Três crianças participaram dessa intervenção. Sentados formando um círculo crianças e extensionistas brincaram de passar a bola. A bola era passada de mão em mão e a criança que estivesse com a bola quando esta parasse deveria imitar um animal. A brincadeira tinha como objetivo proporcionar criatividade, interação e cooperação entre o grupo. Foi possível verificar grande envolvimento de todas as crianças, interesse em imitar os animais e de ajudar aos colegas. Apenas a criança (2) não imitou um animal, ela imitou um super-herói e um guarda. Seguindo a orientação de Elkonin (1989) a brincadeira é a forma de expressão, onde as crianças se apropriam dos papéis dos adultos e suas relações sociais, assumem papéis atuando através de representações de situações vividas simbolicamente.

Ainda seguindo a orientação de Corsaro (2009), combinou-se com as crianças a atividade de colagem, na qual foram disponibilizados diversos recortes de figuras para que as crianças escolhessem e, em seguida, colassem na cartolina. A atividade despertou curiosidade nas crianças, que ficaram entusiasmadas em participar. Ficou evidente que as imagens escolhidas pelas crianças estavam diretamente ligadas à realidade destas e suas relações sócioafetivas. Especificamente as imagens escolhidas pela criança (2) indicaram o seu interesse por esportes, fato demonstrado em todas as atividades que realizou nas outras intervenções, como futebol e capoeira, além de figuras só com imagens de meninos. Percebeu-se também nas falas dessa criança, ao longo das intervenções a sua estreita aproximação com seu pai e amigos, demonstrando muito afeto para com eles. Tal resultado indica que, e nas interações com os adultos, as crianças criam valores e interesses particulares, os quais compartilham com outras crianças de mesma idade (pares) através das brincadeiras,



caracterizando o que Corsaro (2009) chama de reprodução interpretativa. Nesse processo a criança, através da interação com os adultos, cria representações que, por meio da brincadeira, fazem com que ela torne concretas essas representações, estruturando seus significados, contribuindo de maneira ativa para a produção e mudança cultural.

Na sexta intervenção os extensionistas propuseram uma atividade em dupla, com o objetivo de reforçar as interações das crianças com seus pares, trabalhando a cooperação. Como não houve aceitação dessa atividade pelo grupo, rapidamente foi proposta uma segunda atividade que objetivou trabalhar aspectos cognitivos, sociais e imaginários, além das representações, memória, sensação e capacidade motora. As crianças deveriam, de olhos vendados, adivinhar objetos através do tato. A maioria dos objetos foi identificada pelas crianças, alguns elas não sabiam nomear, porém sabiam a utilidade dos objetos já que tinham contato com estes no dia-a-dia. Nessa brincadeira ficou evidente que as elaborações das crianças estão intimamente relacionadas com suas vivências e relações socioafetivas. Todos os aspectos pessoais da criança estão intrinsecamente relacionados com a cultura familiar da criança, ou seja, seus aspectos sociais interferem diretamente na elaboração dos significados da criança e, conseqüentemente, na construção da sua identidade (SARMENTO, 2005). Reitera-se, portanto, que aspectos sociais interferem diretamente na elaboração dos significados da criança e na construção da sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta experiência pode-se perceber a brincadeira é uma atividade que suscita e promove o desenvolvimento sócioafetivo das crianças, mediando as emoções, as relações de respeito, cooperação e solidariedade. Ademais, pontua-se que por meio do brincar a criança constrói a sua identidade, vivencia experiência que lhe dá segurança, autonomia e capacidade crítica para enfrentar as suas dificuldades.

Considera-se que, para os extensionistas, a experiência foi muito rica no sentido de, na prática, vivenciar experiências coletivas com crianças, permitindo que se desconstrua a visão adultocêntrica de que a criança é um vir a ser, ou um adulto em miniatura. A cada situação nova, percebia-se o potencial das crianças, sua capacidade para elaborar juízo de valor sobre as ações dos adultos e sobre sua realidade.



Em cada mediação realizada, descobrimos que havia um envolvimento das crianças de forma diferenciada uns se interessavam mais, outros menos, pois cada personalidade é única e cada uma trazia um histórico sócio cultural diferente, assim as interpretações e adequações ao brincar eram também distintas.

As mensagens apontadas pelas crianças através de seus comportamentos, demonstram suas autoafirmações e suas inserções no mundo, além das importantes interações com o meio em que vivem em busca de uma autonomia capaz de atingir os seus próprios desejos. Por isso fez-se como fator preponderante a compreensão através de um investimento na escuta da comunicação emitida, e, em muitos casos, não verbalizada, por isso também apostamos no desenho como linguagem que demonstra o mais íntimo do seu ser.

Faz-se, portanto, necessária a realização de pesquisas e práticas mais aprofundadas no tema, capazes de fornecer cada vez mais dados de interesse social, cooperando para a devolução à sociedade de um trabalho como este que busca a evolução psicoeducativa da criança em suas relações socioafetivas mediados pelo brincar. Atribuem-se valores que expressam a construção de novos diálogos que tragam possibilidades de compreender ações ligadas a criança e seus pares funcionando, pois, como um mecanismo oportuno de entendimento das dimensões afetivas para refletir como e porque a conduta da criança nem sempre é bem aceita e entendida no meio dos adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, , 1981.

BRASIL, Lei Federal, 9.069/90 **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Congresso Nacional. Brasília, DF, 1990.

CORSARO, W. A. **Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares**. Corsaro, 2009.

DEL PRIORI, M.(org.) **História das Crianças no Brasil**.São Paulo, Contexto,1999.

ELKONIN, D.B. **Psicologia do Jogo**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1998.

PEDROSA, Maria I.; SANTOS, Maria de F.**Aprofundando reprodução interpretativa e cultura de pares em diálogo com Corsaro**. In: Ana Maria Almeida Carvalho & Fernanda



Muller (Orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. 51-58.

RIZZINI, I. **Pequenos Trabalhadores do Brasil**. In: Mary Del Priore (org.). História das Crianças no Brasil. São Paulo. Contexto, 1999.

SANS, P. de T. C. **Pedagogia do Desenho Infantil**. Campinas: São Paulo, Editora Alínea, 2007.

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: intergerações a partir da sociologia da infância. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n.91, p. 361-379, Maio/Ago. (2005) Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

VICTORA, C.G. et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editora, 2000.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. .
Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.